

A CIDADE DE PELOTAS/RS E UM PEQUENO MUSEU ANEXO À BIBLIOTHECA (1904)

DANIEL BARBIER¹; DR. DIEGO LEMOS RIBEIRO²

¹Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPel – barbier.daniel@gmail.com

²Departamento de Museologia, Conservação e Restauro/ICH/UFPel – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1860, a cidade de Pelotas/RS, localizada no sudeste do Estado do Rio Grande do Sul, autônoma política e administrativamente de Rio Grande/RS desde 1832, passou por um rápido processo de modernização urbana devido a expansão da indústria saladeril. Em outras palavras, após 1860, o centro urbano pelotense contava com um intenso comércio, uma imprensa bem desenvolvida, ofertas de aulas públicas e diversos melhoramentos urbanísticos, como, entre outros, o calçamento de ruas, iluminação pública a gás, abastecimento de água, transporte público, arborização e gradeamento da atual praça Cel. Pedro Osório, além de inúmeros prédios térreos, sobrados e assobradados¹ (MONQUELAT & PINTO, 2012). Contudo, conforme PERES (2002, p.34), "se por um lado Pelotas caracterizou-se por congregar uma elite que solidificou fortuna e fama para a cidade com a atividade saladeril, fazendo dela uma potência econômica e consequentemente política e cultural, por outro tornou-se também um polo escravista". Isto é, apesar do avanço urbano-desenvolvimentista da cidade, o resultado foi o estabelecimento de uma sociedade com fortes contrastes sociais (BARBIER & RIBEIRO, 2014, p.50).

Dentro desse cenário surge, em 1875, a Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) com o objetivo de "contribuir decisivamente para o desenvolvimento da vida educacional, intelectual, artística e cultural da cidade" (RUBIRA, 2014, p.19). Fundada por um grupo da elite local, propunha-se, uma vez constituída, estar aberta "a todas as classes sociais, idades e sexos" (CORREIO MERCANTIL, 03/01/1875). De outra forma, mesmo que apenas homens abastados, aristocratas e capitalistas locais, estivessem aptos a dirigi-la, os serviços da BPP eram também dirigidos a mulheres, negros, imigrantes e analfabetos (DHP, 2010, p.33). "Assim, cursos noturnos de alfabetização foram organizados para os trabalhadores, conferências públicas repercutiam os ideais político-filosóficos da época e em 1904 inaugurava-se o Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense" (BARBIER & RIBEIRO, 2014, p.51), objeto de estudo da presente pesquisa. Entretanto, a história dessa instituição é, sem dúvidas, controversa (PERES, 2002, p.70-71).

Noutro plano, tem-se os museus oitocentistas brasileiros que, ao menos nos mais proeminentes no período, a saber, Museu Nacional (1808), Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e Museu Paulista (1895), apresentavam uma série de características comuns, de acordo com estudos de LOPES (1993) e SCHWARCZ (2013). São essas, quando compiladas, que serviram de base para a delimitação dos seguintes indicadores prováveis para o surgimento do Museu Histórico da

¹ MONQUELAT & PINTO (2012, p.20-21) apresentam relatório datado de 1876 que informa que "Pelotas contava com 41 ruas e cinco (5) praças com o total de 2.784 prédios; e desse, 43 haviam sido construídos de março a setembro de 1875".

Bibliotheca Pública Pelotense (MH-BPP): a) criação de vínculos com a história nacional; b) estabelecimento de coleções como expressão e símbolo do *establishment* local; c) iniciativa científica regional; d) integração ao movimento de museus a nível internacional; e) relação com comemorações históricas de alto valor simbólico; f) relação com movimento de consolidação da elite local; g) surgimento como processo educativo; h) surto de desenvolvimento material; i) sustentação de teorias raciais, evolucionistas, deterministas e positivistas com fins de estabelecer um conceito de “darwinismo social” em um momento em que se dava a abolição da escravidão e o estabelecimento de imigrantes europeus no Brasil.

Portanto, o presente trabalho objetiva compreender os motivos, mais implícitos que explícitos, pretendidos por um grupo da elite local com a fundação de “um pequeno museu anexo à Bibliotheca”, como foi referido na ata da sessão de Diretoria realizada em 18 de janeiro de 1904, a fim de se perceber, especificamente, como se configurou a relação entre a cidade de Pelotas/RS e seu primeiro museu, o MH-BPP, no início do século XX.

2. METODOLOGIA

Para compreendermos os motivos que levaram a fundação do MH-BPP, embasamos nossas análises em hipóteses levantadas durante a pesquisa documental e revisão em bibliografia específica. Posteriormente, tratamos as informações obtidas sobre o contexto da cidade, do Museu e dos museus a nível nacional (e internacional) no período delimitado (1904-1905). Em outras palavras, ao pretendermos apresentar uma proposta de estudo sobre o surgimento do MH-BPP, devido às exigências próprias do objeto, não nos esquivamos de uma análise conjuntural entre áreas distintas, mesmo que próximas, como patrimônio cultural, memória social, história, museus, cultura material e diversos aspectos próprios das ciências sociais e humanas, haja vista a necessidade de uma discussão teórica com os diversos campos do conhecimento envolvidos com o objeto. Essas questões, não podemos deixar de mencionar, são favorecidas por uma pesquisa promovida dentro do campo da Interdisciplinaridade.

Desta forma, fundamentamos nossa pesquisa, como procedimentos primários, na pesquisa em jornais locais e em documentos do AH-BPP, especialmente no fundo Biblioteca Pública Pelotense; e, como procedimentos secundários, na revisão bibliográfica relacionada às áreas de conhecimentos mencionadas, à BPP (especificamente ao seu Museu), à história da cidade de Pelotas/RS e ao surgimento dos museus no Brasil, bem como suas características e expressões institucionais até a primeira década do séc. XX. Assim, após preliminarmente determinarmos o objetivo, o objeto de estudo, os espaços geográficos e temporais e relacionarmos as fontes disponíveis, buscamos desenvolver métodos de análise para tratar os dados obtidos e responder as hipóteses formuladas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da identificação do primeiro acervo reunido pelo MH-BPP, que contava com 1.391 objetos, e da análise conjuntural desse em relação aos museus oitocentistas brasileiros enunciados, notou-se que, em certo grau, o MH-BPP inseria-se numa rede lógica de museus do período. Senão, resumidamente, vejamos, na existência de coleções mineralógicas, zoológicas e etnológicas, que ele estava, em algum grau, inserido no contexto de museus de História Natural do

século XIX; e que a repercussão a nível local, promovida especialmente através das Conferências Públicas, por uma cientificidade ligada aos estudos das Ciências Naturais se expandia, conforme visto nos volumes I e II dos Anais da Bibliotheca Pública Pelotense, ano 1904 e 1905. Esse contexto de divulgação de ideias debatidas no plano nacional e internacional sugere-se advir da pretensão por parte da diretoria da Bibliotheca Pública Pelotense a uma integração com outras instituições espalhadas pelo globo. Fato é que, no ano de 1904, das 519 correspondências expedidas e recebidas, várias delas tem como destino e origem o exterior, especialmente a Europa e a América, inclusive instituições como o Museu Nacional de Buenos Aires, da Argentina, e o Museu Nacional de Montevideú (BARBIER & RIBEIRO, 2014).

Nesse sentido, igualmente ao apontado por PERES (2002) e MONQUELAT & PINTO (2012), fundamentados nas análises de LOPES (1993) e SCHWARCZ (2013), podemos afirmar que o MH-BPP compunha uma dimensão complementar àquela lançada há 28 anos na fundação da BPP, a de conferir *status* de "iluminação" ao progresso material alcançado pelos empreendimentos econômicos e equiparar o desenvolvimento urbanístico local ao dos principais centros nacionais (e platinos), além de controlar e guiar o avanço da sociedade local, que, no período, passava por intensas transformações sociais.

Na sua chamada pública à fundação de uma biblioteca na cidade de Pelotas/RS, Antônio Joaquim Dias, proprietário do jornal Correio Mercantil, afirmava que "sem instrução não há progresso nem civilização, nem liberdade possível" (CORREIO MERCANTIL, 15/01/1875). Palavras, essas, que continuavam a ecoar nos idos do século XX e que fazem sintonia com o propósito filosófico dos museus entre os séculos XIX e XX (SANTOS, 1996), inclusive dizendo à respeito a fundação do MH-BPP.

4. CONCLUSÕES

A partir desta pesquisa, podemos dizer que reordenar objetos alegóricos sem vinculação intrínseca demonstra em si mais uma manipulação política ideológica para determinado fim do que uma cientificidade ou outra apelação sublime, como propunham, por exemplo, os museus no séc. XIX (SANTOS, 1996). Essa tese é observada pelo museólogo Mario de Souza Chagas em uma de suas análises sobre as exposições. O autor lembra que "interessa compreender que a exposição do acervo vincula-se a um determinado discurso, a um determinado saber fazer. Assim, ao dar maior visibilidade ao acervo o que se faz é afirmar ou confirmar um discurso" (CHAGAS, 2002, p.56). Por isso, não obstante, podemos dizer que compreender o museu em sua integralidade, especialmente as motivações que levaram à sua fundação, é compreender a sociedade que o formatou e o acolheu, pois, de acordo com MARTÍN TORRES (2002, p.295), "los museos son el producto de su contexto social".

Ampliamos essa noção de representação das sociedades nos museus com a contribuição do geógrafo Maurício de Almeida Abreu que, ao trazer esse conceito para o campo do estudo da memória das cidades, afirmará que o fundamental é que nos conscientizemos que o resgate da memória das cidades não pode se limitar à recuperação das formas materiais herdadas de outros tempos. Há que se tentar dar conta também daquilo que não deixou marcas na paisagem, mas que pode ainda ser recuperado nas instituições de memória" (ABREU, 1998, p.14). Logo, em linhas gerais, para os estudos propostos nesse trabalho, ao delimitarmos nossa análise ao campo dos museus, chamados por BRUNO (1999, p.40) de "segmento patrimonial", nos parecem mais visíveis

nessas instituições as formas em que se reproduzem, por meio de aspectos próprios relacionados à memória e identidade, as relações de poder em ação na vida social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M.A.. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano III, n.4, p.5-26, 1998.

BARBIER, D.; RIBEIRO, D.L.. Coleção e cultura material: os significados possíveis da fundação, em 1904, do Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense. **Anais do VIII SIMP**, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, p.48-55, 2014.

BRUNO, M.C.O. A musealização da arqueologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Centro de Estudos de Sociomuseologia, Edições Lusófonas, Lisboa, v.17, n.17, p.35-151, 1999.

CHAGAS, M.S. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de sociomuseologi-a**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Centro de Estudos de So-ciomuseologia, Edições Lusófonas, Lisboa, nº 19, p.35-68, 2002.

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PELOTAS (DHP). MAGALHÃES, M.O. et al (org). Pelotas: Ed. UFPel, 2010.

LOPES, M.M. **As ciências naturais e os museus no Brasil no séc. XIX**. 1993. 361f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MARÍN TORRES, M.T. **Historia de la documentación museológica: la gestión de la memoria artística**. Gijón: Trea, 2002.

MONQUELAT, A.F. &PINTO, G. **Pelotas no tempo dos chafarizes**. Pelotas: Livraria Mundial, 2012.

PERES, E.T. Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária na Bibliotheca Pública Pelotense (1875-1925). Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

RUBIRA, L. Apresentação Almanaque do Bicentenário de Pelotas (Vol2). In: _____ (org). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas – Volume 2**. Santa Maria: PRO-CULTURA-RS, Pallotti, 2014. p.17-57.

SANTOS, M.C.T.M. O Papel dos museus na construção de uma identidade nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, p. 38-52, 1996.

SCHWARCZ, L.K.M. A “Era dos Museus de Etnografia” no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX”. In: FIGUEIREDO, BG.(org.) e VIDAL, DG. (org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2013. pp.119 – 144.